



GEOUSP - Espaço e Tempo, São Paulo, Nº 18, pp. 105 - 113, 2005

## VIAGEM, TURISMO, VILEGIATURA

Júlio Ambrózio\*

### RESUMO:

Este trabalho quer compreender a distinção entre vilegiatura, turismo e viagem. A vilegiatura precede o turismo e a viagem, de forma diferenciada, relaciona-se com os dois. Vilegiatura e turismo possuem contraparentesco naquilo que guardam de temporada de recreio; porém, a primeira realizou subúrbios com espessura espacial e o turismo — o segundo —, transformando a viagem em um fim em si, produz espaço-mercadoria.

### PALAVRAS-CHAVE:

Vilegiatura, subúrbio, turismo, viagem

### ABSTRACT:

This work wants to understand the distinction between summer resort, tourism and the tour. The summer resort precedes the tourism and the tour in a different way, but there's a relationship between both. Summer resort and tourism has a distant kinship in what they remain of the recreation interval time; but, the first realize suburbs with a spatial thickness and the tourism — the second — transforming the tour in the end directed to himself, produce merchandise-space.

### KEY WORDS:

Summer resort, suburb, tourism, tour.

O deslocamento de um ponto a outro relativamente distante — a viagem — atravessa a história. A viagem foi comercial — e esta se mantém como uma das formas básicas de deslocamento: os fenícios foram os primeiros a romperem com a tradição do comércio terrestre, navegaram por todo o Mediterrâneo fundando feitorias e estações marítimas de Beirute, Aca, Jaffa, passando pelas ilhas de Malta, Lampeduza, Gozo, Pantelaria até Alcácer do Sal em terras do

rio Sado lusitano;<sup>1</sup> os espanhóis viajaram para, violentamente, despojarem a América do Sul; a Liga Hanseática fundara em toda a Europa norte e oriental escritórios e, sob influxo do Capitalismo comercial, cidades como Leipzig e Hannover tornaram-se lugares de referência para os caixeiros viajantes do mundo; até os índios ribeirinhos da bacia amazônica do século XVI dão evidências da viagem de longa distância comercial, ou de troca, interrompida

\* Doutorando em Geografia Humana do Departamento de Geografia da FFLCH, da Universidade de São Paulo.

E-mail: jambrozio@bol.com.br





pela chegada do europeu;<sup>2</sup> os próprios gaúchos carregam no nome a sua origem errante: gaudério, tipo social afeito à montaria, viajante fronteiriço, até o século XIX, à procura do gado alçado e dos ganhos de contrabando nas duas áreas platinas e no antigo Continente de São Pedro do Rio Grande.

É de se observar ademais que, toda a vida, os exércitos viajaram: o Grande Exército napoleônico da Campanha de 1812 atravessou o rio Niemen — fronteira dos antigos Grão-Ducado de Varsóvia e da Prússia Oriental com a Rússia — a caminho de Moscou com 420.000 homens, deslocando-se, entre a marcha ofensiva e a fuga, por quase dois mil quilômetros;<sup>3</sup> a Coluna Prestes viajou cerca de 25.000 quilômetros pelo interior do Brasil, de São Borja até o seu exílio em Santa Cruz, na Bolívia; os Farrroupilhas deslocaram-se pelos campos do sul rio-grandense, guerreando o Exército Imperial.

A viagem educativa, igualmente, tem a sua história: a jovem nobreza romana viajou para a Grécia em busca do conhecimento; Goethe foi para o Sul, desejando apreender o acervo cultural da Itália.<sup>4</sup> Deslocou-se o Romantismo procurando compreender a sua própria história e o seu mundo: Heinrich Von Kleist, por exemplo, (...) fuge para a França, depois para a Itália. Encanta-se com a Suíça (...),<sup>5</sup> movimentara-se pela Europa à procura da viagem que abriria a porta de retorno ao paraíso.

O que os parágrafos anteriores tentam dizer é que a viagem guarda específico sentido de movimento, de marcha ou de caráter móvel do qual se apropriaram o comércio, a educação, a guerra...a vilegiatura.<sup>6</sup> Diga-se como passo importante: tomaram como sua a viagem sem transformá-la em um fim voltado para ela mesma. Sob esse ângulo, afastam-se a viagem comercial, religiosa, educacional, o deslocamento bélico... e a própria vilegiatura do turismo, pois este não é uma simples modernização<sup>7</sup> — por exemplo — da velha villeggiatura,<sup>8</sup> já que a viagem turística porta cariz despregado de conteúdo exterior. Esta é

a raiz. Sendo, a propósito, contra-senso, antinomia ou paradoxo aceitar a existência do "turismo de negócio", uma vez que o fortuito uso turístico em seu interior é secundário e sequer arranha eventuais causas exteriores que motivariam a viagem mercantil,<sup>9</sup> portanto, mantendo-se esta e outros deslocamentos distantes do moderno e específico caráter que o turismo trouxe à viagem. Refiro-me ao círculo ampliado da mercadoria, do consumo e da reprodução da capacidade de trabalho gerado pelo Capital, transformando a viagem em fim ensimesmado,<sup>10</sup> voltada, como mercadoria — repetindo —, para dentro de si mesma.

Não é à-toa, aliás, que a primeira agência de viagens nasce inglesa e no século XIX, 1845. Variante do antigo vocábulo tour — o equivalente inglês para a viagem —, a palavra turismo nasceria na Inglaterra em 1811.<sup>11</sup> Não é também detalhe informar que a agência Cook apenas pôde organizar deslocamentos turísticos para a burguesia britânica, uma vez que somente após a Segunda Guerra Mundial os trabalhadores dos países altamente industrializados foram incorporados, como sócios menores, aos benefícios do aumento da produtividade do trabalho, dentre esses, a redução da jornada de trabalho gerando maior tempo livre.<sup>12</sup> O turismo, então, não frustrou a sua origem, realizando-se — verdadeiramente — como mercadoria deambulatória,<sup>13</sup> quase ia dizendo, turismo de massa produzindo lugares sem espessura espacial,<sup>14</sup> valendo apenas o seu importante papel de devolução da força ao trabalhador.<sup>15</sup>

O turismo, portanto, não é mera atualização da vilegiatura. Denominar de turismo o deslocamento anterior à constituição desse nome é incorreto, pois além de não existir como linguagem ou pensamento até o século XIX, o turismo, como foi dito, é prática social acoplada à produção de mercadoria, designando a conversão da viagem a um fim em si. Sob esse último aspecto, aliás, poder-se-ia escrever que à expressão "turismo de massa" está intrínseco um pleonismo. O turismo é de massa ou significa outra coisa; pois é de massa não apenas devido às multidões de indivíduos que envolve, mas porque existe como "produção em massa" de





espaço-mercadoria. Cada dia mais, porém, a apropriação privada do espaço limita o direito ao uso.<sup>16</sup> Estribado na circulação de mercadorias realizada pelo capital, o turismo é o alargamento do consumo de espaço que pretende a ampliação de acumulação do capital, aliás sendo irrelevante o ecoturismo como eventual exemplo de reação a esse estado de coisas, pois aparecendo o seu espaço de uso como simples beleza ou importância natural, de fato, seu valor resulta das relações sociais inerentes ao espaço-mercadoria ecoturístico:

*...Carrega em si a própria contradição. De um lado, deriva de um discurso ecológico apresentado como crítica à modernidade ao se opor ao mundo urbano-industrial. Por outro, é uma prática turística inserida na lógica dos mercados.*<sup>17</sup>

Escritos "liberais"<sup>18</sup> enxergariam paradoxos entre o turismo que degrada e o ecoturismo que preserva, porém é também intrínseco à prática ecoturística o domínio da natureza pela racionalidade técnica ou funcional,

*...domínio que vai até a destruição do natural, ao mesmo tempo mentalmente, socialmente, fisicamente.*<sup>19</sup>

Conseqüentemente o pretenso esforço de aproximação e compreensão da natureza pelo ecoturismo limita-se a enxergá-la como acontecimento episódico — um fato diverso e sem valor inerente — incapaz de conciliar o homem e a natureza.<sup>20</sup>

Conquanto o turismo possua contraparentesco com a vilegiatura naquilo que conserva de temporada de deslocamento e recreio, a própria origem do vocábulo vilegiatura, derivado de villa — a casa italiana de campo ou mesmo sinônimo de povoação —, já noticia a diferença. De origem aristocrática, despregada portanto do caráter burguês do turismo, a vilegiatura, porém, atualmente permanece diminuída na construção da segunda casa da burguesia e de parte da classe média em áreas próximas, ou nem tanto,<sup>21</sup> às grandes cidades. Ela hoje ainda existe, claro, mitigada de seu sentido original e amalgamada com o próprio turismo: de fato, incluída a vilegiatura no interior da economia dos espaços turísticos,<sup>22</sup> a

construção da segunda residência, doravante, unir-se-ia à especulação turística imobiliária; derivada em linha reta da villa de ócio dos antigos romanos<sup>23</sup>, a vilegiatura foi diminuída de seu senso de origem. O *otium* não teria sido o lugar da calaçaria — para a elite romana, a villa<sup>24</sup> era o local do *otium*<sup>25</sup> vivido como territorialidade propiciadora do exercício da inteligência e, eventualmente, preparadora de alguma ação futura.<sup>26</sup>

Depreende-se daí que a vilegiatura esteve ligada ao território do estudo, sendo subsumida — pelo turismo — apenas na sua dimensão imobiliária ligada à segunda residência, distante, ademais, do "turismo sem território", um dos tipos de relação entre território e turismo de Knafo.<sup>27</sup> De resto, o território da vilegiatura, isto é, a villa do ócio, parece se aproximar bem mais desta "...atividade humana que é um importante meio de desabrochamento do indivíduo..."<sup>28</sup> do que o próprio turismo, cuja defesa essa citação de Remy Knafo representa; pois sem esquecer que era o aristocrata quem na villa se desabertava, são as férias, melhor, é o turismo que realiza a indolência, a ausência de estudo e o vazio.<sup>29</sup> Claro que despreparar a classe trabalhadora de seu lugar diuturno de trabalho e habitação, como nota Daniel Hiernaux Nicolas,<sup>30</sup> modificando seus hábitos espaciais, foi um dos êxitos sociais do século XX. O que não diz Daniel Nicolas, diga-se de passagem, é que esse desfraldar ocorreu sobretudo nos países altamente industrializados, onde o trabalhador — como sócio menor — passou a usufruir do saque colonial. O que Remy Knafo procura recusar<sup>31</sup> e Hiernaux Nicolas não aceita ou não deseja ver, denominando certa crítica ao turismo de "...Enfoques más tradicionales... y en particular los marxistas..."<sup>32</sup> é que esse eventual meio de revelação do indivíduo (Knafo) e a vitória da questão social (Nicolas) se deram à maneira turística: reprodução da força de trabalho, e é, mesmo pontualmente, buscando a vaga de liberdade que as férias e a viagem prometeriam, o turista não escapa da realidade: as férias existem para se poder trabalhar; trabalha-se para poder tirar férias e





viajar — harmoniosamente de acordo com o capital, que permanentemente se multiplica apenas para continuar capaz de se multiplicar.<sup>33</sup>

Distante dos lugares do mercado turístico — os não-lugares<sup>34</sup> e os símiles de lugares<sup>35</sup> — a territorialidade da antiga vilegiatura foi assentada na propriedade, residência, fortuna, quicá no prestígio e na autoridade.

Formadora de residências campestres ou de beira-mar, a vilegiatura dirigiu-se para o subúrbio — *suburbium* — cujo significado romano diz respeito tanto aos arrabaldes quanto aos bosques vizinhos, aldeias, granjas e villas.<sup>36</sup> De fato, a temporada de recreio passada em áreas distantes da cidade, originariamente, deu vida a um território pacificador da alma e propiciador da inteligência — o subúrbio — cuja existência, escreve Lewis Mumford, torna-se *...visível quase tão cedo quanto a própria cidade...*<sup>37</sup> O conceito de subúrbio industrial-proletário está distante. Mumford noticia referências, na era bíblica, de

*...pequenas tendas que eram construídas no meio dos campos e vinhais abertos, talvez para guardar as safras noite e dia, quando estavam prestes a serem colhidas, mas sem dúvida também para refrescar a alma, cansada dos tijolos cozidos e dos maus odores da própria cidade.*<sup>38</sup>

Em “O Subúrbio — E depois”, Lewis Mumford<sup>39</sup> constrói um conceito de território suburbano afastado da cidade e próximo do tempo/espço da paisagem desembaraçada, da residência, da superioridade higiênica, da recreação, de nobres e gentis-homens — da vilegiatura. Com efeito, esta foi criadora de subúrbios ou de cidades, tais como Versailles, Karlsruhe, Potsdam,<sup>40</sup> Petrópolis;<sup>41</sup> cidades-residências da Aristocracia, pois o Antigo Regime não se despreendera absolutamente da antiga vivência da *skolé* grega e do *otium* romano. A vilegiatura produziria espaços suburbanos como obra de arte.

Gerando sentimento de pertença, foi criadora a vilegiatura de espaços vividos realizadores de lugares; menos fluida e mais

envolta na aspereza dos meios de transportes disponíveis antes da Revolução Industrial, polarizava a sazonal vilegiatura o deslocamento entre a cidade e o campo, estabelecendo a segunda residência, desenhando formas e criando a existência que as vivifica,<sup>42</sup> produzindo o espaço suburbano, muitas vezes transformado adiante em cidades.

Ao inverso, assegurado pela Revolução Industrial, cujo visceral corolário foi o aumento da velocidade dos transportes estribado no carvão e no petróleo — as bases energéticas e tecnológicas da civilização dos hidrocarbonetos —, o alargamento da produção de mercadoria encontrou no turismo importante viés de realização espacial. Mais móbil e menos tomada pelos azedumes dos meios de transportes que envolviam as viagens antes da Revolução Industrial, desde Thomas Cook,<sup>43</sup> pôde o turismo conhecer paisagens sem concretude existencial; não absorvendo o antigo *otium*, a viagem turística produziu espaços não vividos ou experimentados como mercadorias, conseqüentemente, ao largo dos subúrbios realizados como obra de arte.

Talvez coubesse agora uma pequena conclusão.

A produção dos espaços turísticos vive distante do antigo sentido da vilegiatura e de suas *villas* ou subúrbios de ócio. Escravizado pelo capital, o antigo caráter do tempo livre, no qual o homem existia para o mundo e a sua cultura, foi exterminado. Com base nas massas, a prática moderna de deslocamento no tempo livre é produtora de espaços de alienação, pois o turismo não herdou o exercício da inteligência emancipadora que, embora aristocrática, a vilegiatura propiciara até o fim do Antigo Regime.

O turismo, então, pode ser visto como uma das engrenagens da Indústria Cultural. Doravante, o velho traço distintivo do tempo livre não mais será vivido em vilegiatura, uma vez que a temporada e lugar isentos de preocupações e cuidados se transmutaram na parte que restou entre o trabalho e o cansaço: a distração. Diga-se a propósito que a diversão,





sendo necessária à manutenção da vida como o trabalho e o sono, é alimento para ser digerido como o pão, e é, como elemento fundamental de salvaguarda e restauração da vida biológica. Sem o circo e o pão a vida não se realizaria. Espaços turísticos exemplares como Disneylândia, transatlânticos, *Epcot Center*, *resorts* e outros mais, estariam ligados ao divertimento reprodutor da capacidade de trabalho no interior do capital. Espaços-mercadorias assim constituídos são consequências da sociedade de massas que, necessitando de diversão, consumiria o espaço como mercadoria biológica. O problema é que, como mercadoria de salvaguarda, continuamente o divertimento exigiria novos produtos. Nesta condição, a Indústria Cultural, conseqüente à economia e à sociedade de massa, avança de forma jamais avistada sobre os objetos do mundo, a cultura, emparedando e destruindo o belo — instrumento de resistência à alienação — para realizar diversão, precisamente, mercadoria.<sup>44</sup> A Indústria Cultural, em benefício da distração, apodera-se então da cultura — aqui compreendida como instrumento de leitura do real, que, eventualmente, anuncia outros espaços ou novos mundos.

Pela ótica da Indústria Cultural, o turismo neste passo também avançaria o seu arranjo espacial de distração — cujos exemplos foram citados no parágrafo anterior — sobre regiões naturais, áreas ou cidades inteiras que, de agora em diante, seriam experimentadas como espaços de divertimento, tal como o barroco tiradentino<sup>45</sup> transformado em cenografia de entretenimento; ou o ecoturismo impedindo a natureza de manifestar "...os seus sofrimentos, ou, pode-se dizer, chamar a realidade pelo seu nome legítimo"<sup>46</sup>

Aceitando-se como infactível o afastamento do espaço-mercadoria da prática turística, queda o deslocamento das massas à procura de recreio em viagem da força de trabalho no interior do capital. O turista, justamente porque saído de uma sociedade moderna de trabalhadores,<sup>47</sup> não conhece e nem quer enxergar o seu desamparo: a viagem de férias que não leva à inovação e ao auto-conhecimento.

Braço espacial da Indústria Cultural, o turismo assim enxergado nublaria incerta réstia de luz, que, caso asseverada, viveria liberta das paisagens e estruturas turísticas, existindo, talvez, na residência isolada, ou mesmo na viagem solitária e educativa.

## Notas

<sup>1</sup> Cf. CAMINHA, João Carlos. *História Marítima*, Biblioteca do Exército, RJ, 1980, pp. 13-17.

<sup>2</sup> Cf. CARVAJAL, Frei Gaspar de. *Relatório do novo descobrimento do famoso rio grande descoberto pelo Capitão Francisco de Orellana*, Escrita editorial / Embajada de España, bilíngüe, SP, 1992. Cf. também PORRO, Antônio. *As Crônicas do Rio Amazonas, notas etno-históricas sobre as antigas populações indígenas da Amazônia*, Vozes, Petrópolis, 1993.

<sup>3</sup> Cf. CLAUSEWITZ, Carl Von. *A Campanha de 1812 na Rússia*, Martins fontes, RJ, 1994. Cf. também: TOLSTOI, Leão. *Guerra e Paz*, ed. Nova Aguilar, RJ, 1993.

<sup>4</sup> Cf. GOETHE, J.W. *Viagem à Itália, 1786-1788*, Cia, das Letras, SP, 1999.

<sup>5</sup> BORNHEIM, Gerd A. "Kleist e a Condição Romântica", in *O Sentido e a Máscara*, ed. Perspectiva, SP, 1975.

<sup>6</sup> Espaço/tempo de recreio, de cura, de ócio, passado no campo distante da cidade. [NdA].

<sup>7</sup> Lucrécia D'Aléssio Ferrara, aliás, guarda outra compreensão. Diferentemente desta minha perspectiva, Ferrara escreve: "A essa altura, o turismo atual já é uma versão contemporânea da antiga *vilegiatura*." Poder-se-ia dizer que no interior do artigo de Lucrécia Ferrara a diferença turismo-vilegiatura está em graus, enquanto





neste trabalho, em gênero. [NdA]. Cf. FERRARA, Lucrécia D'Aléssio. "O Turismo dos Deslocamentos Virtuais". In: CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. (Org.). *Turismo: Espaço, paisagem e cultura*, Hucitec, SP, 1996, p.20.

<sup>8</sup> Etimologia italiana, *villeggiatura*, nesta forma, já se encontrava antes de 1729. Em português, *villeggiatura*, nesta forma,, entrou em 1899. Cf. HOUAISS, A. *Dicionário da Língua Portuguesa*, ed. Objetiva, RJ, 2001.

<sup>9</sup> A habitual lembrança de utilização de espaços turísticos pela viagem comercial como prova da existência do turismo de negócio, não toca o substantivo do turismo e nem o da viagem. [NdA].

<sup>10</sup> Cf. HESSE, Reinhard. *Viajar como Fuga para a Afirmação: Aspectos do Turismo em Massa nas Sociedades Altamente Industrializadas*, mimeo., s/d.

<sup>11</sup> Cf. HOUAISS. Op. cit.

<sup>12</sup> É de se perguntar, utilizando-se de uma citação de Ricardo Musse, se o desmonte do ordenamento Keynesiano levado a cabo pela financeirização da economia, gerando hoje, entre muitas consequências, "...a passagem de uma sociedade de pleno emprego e de ampliação do tempo livre para uma sociedade em que prevalece a ameaça constante de desemprego (...) e a redução efetiva do tempo livre...", não emparedaria o viés populacional do turismo que, então, direcionar-se-ia cada vez mais para a produção do espaço como raridade, cujo exemplo seria o *resort*. Cf. MUSSE, Ricardo. "Fenomenologia da Reificação: Adorno e o Lazer". In: BRUHNS, Heloisa Turini (org.). *Lazer e Ciências sociais, diálogos pertinentes* Chronos, SP, 2002, p.179,

<sup>13</sup> Diga-se de passagem que o turismo expulsou uma dimensão do humano ao excluir o gênero que umbilicalmente viveu com a viagem — o épico, o deslocamento como travessia — cuja presença deram testemunhos a *Odisséia*, *Os Lusíadas* e *Martín Fierro*. Transformando a viagem em mercadoria contribuiu o turismo para a expansão do gênero burguês: o drama, misto de tragédia e comédia. Tragédia pela escravidão ao dinheiro e comédia pela imitação de homens menores. A viagem, assim, foi extorquida daquela feição genuína que dava ao homem a ventura de por-se a prova diante do mundo. [NdA].

<sup>14</sup> Refiro-me a um espaço que não possibilita definição a partir de suas relações, história e identidade, isto é, o não-lugar. Cf. AUGÉ, Marc. *Não-Lugares*, ed. Papirus, SP, 1994. Cf. também CARLOS, A. F. A. "O Turismo e a Produção do Não-Lugar". In: CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. (org.). *Turismo: Espaço, Paisagem e cultura*, Hucitec, SP, 1996, pp. 25-37.

<sup>15</sup> Em *Ludwig II, réquiem para um rei virgem*, Syberberg, o diretor desse filme alemão de 1972, visualiza a "comemoração" dos turistas, que não apreendem o castelo e o rei agônico, símbolo da queda da aristocracia alemã, porque viajam engendrando a confirmação de seu mundo. [NdA].

<sup>16</sup> Cf. CARLOS, Ana Fani A. "Novas Contradições do Espaço". In: SEABRA, Odette C. de Lima (org.). *O Espaço no fim de Século, a nova raridade*, Contexto, SP, 2001, pp. 62-80.

<sup>17</sup> SANTANA, Paola Verri. "A Mercadoria Verde: a Natureza". In: SEABRA, Odette C, de Lima (org.). Op. cit., p. 178.

<sup>18</sup> Refiro-me à visão que aceitaria o turismo sem crítica radical, questionando apenas relativamente o arranjo turístico-espacial, acreditando ser possível o planejamento ou a orientação dessa prática de deslocamento de recreio para a realização de espaços com espessura social. Menos conceitual e mais empírica, essa ótica quereria afirmar a especificidade de cada caso turístico-espacial, desse modo buscando afastar a "crítica essencial" de alguns e o "otimismo vazio" de outros. Por exemplo, HALL, C. Michael. "Política e planejamento Turístico: o Imperativo sustentável", in *Planejamento turístico, políticas, processos e planejamentos*, Contexto, pp.17-35. [NdA].

<sup>19</sup> LEFEBVRE, H. "O Espaço e o Estado", in *A Respeito do Estado*, T.V, Labor-USP, mimeo., SP, s/d, p.8.

<sup>20</sup> Cf. HORKHEIMER, Max. *Eclipse da Razão*, editorial Labor do Brasil, RJ, 1976.

<sup>21</sup> Nem tanto, certamente, devido ao aumento da velocidade nos transportes propiciado pelo petróleo e sua tecnologia. [NdA].

<sup>22</sup> Cf. SANCHEZ, Joan Eugeni. "La Dinamica Territorializadora de una Actividad Productiva", in *Espacio, Economia y Sociedad*, Siglo Vientiuno







de España editores, Madrid, 1991. pp.216-248. Lê-se nas páginas 217-218 que falar de turismo como a utilização temporal de um espaço ligado às coisas do ócio e diverso do espaço habitual de trabalho, tem como resultado dois tipos de relação com o espaço: "En primer lugar, y en sentido más estricto, se da un turismo que no establece vínculos territoriales permanentes con el espacio de ocio al que se dirige. En segundo lugar, encontramos un turismo permanente en el uso del mismo espacio, lo cual habra dado lugar a alguna forma de vínculo territorial psicosociológico, generándose lo que se ha denominado como residencia secundaria." Embora acertadamente escrevendo acerca dessas duas relações turístico-espaciais, não há interesse de Sanchez pela origem do segundo tipo desta relação, anterior ao próprio turismo, justamente, a construção da segunda residência como espaço do ócio antigo, absorvido pelo turismo como área de indolência e restauração da força de trabalho. [NdA].

- <sup>23</sup> Foi a renascença italiana que recuperou o conceito romano de *villa* como *villa* de recreio ou de ócio. P. ex.: *Villa Medici*, *Villa d'Este*. Não encontrei, em latim, o preciso vocábulo *vilegiatura* ou alguma forma próxima que tivesse gerado em português, francês ou italiano essa palavra. Encontrei *villa* significando casa ou povoamento, pois *rusticatio* — designando estada ou permanência no campo, vida de campo ou morada no campo durante a estação calmosa — é a forma latina equivalente a *vilegiatura* (Port.), *villégiature* (Fr.), *villeggiatura* (It.). A forma latina *rusticatio* é o testemunho filológico da existência, em Roma, de villas para temporada de recreio passada nos campos. Portanto, foi provavelmente no Renascimento que surgiu a forma *vilegiatura*. Evidentemente, falta confirmar essa hipótese com os dicionários ou mesmo elucidários anteriores ao século XX. Todavia, conseqüente à recuperação do mundo greco-romano, dir-se-ia que o homem renascentista fez nascer o termo que fora mesmo um filológico instrumento ou neologismo de aproximação e diálogo com a antiga *villa* de *otium* romana. Cf. FORCELLINI, Aegidio et alii. *Lexicon Totius Latinitatis*, tomo IV, Typis Seminarii, Patavii, MCMXXX. Cf. também CALONGHI, Ferruccio. *Dizionario Latino-Italiano*, Rosenberg & Sellier, 3ª ed., vol. I, Torino, 1969. Cf. igualmente TORRINHA, Francisco. *Dicionário*

*Português-Latino*, Editorial domingos Barreira, 2ªed, Porto, s/d. Cf. BADELLINO, Oreste. *Dizionario Italiano-Latino*, Rosenber & Sellier, Torino, 1966.

- <sup>24</sup> Por exemplo: Quinto Horácio Flaco, autor da *Arte Poética*, vivendo entre 65 a.C e 8 a.C., livre dos constrangimentos financeiros a partir de 38 a.C., pode ser proprietário de uma quinta na região Sabina ou país Sabino, na geografia antiga, situado na Itália, entre o Lácio e a Úmbria, no qual, sazonalmente, encontrava a tranquilidade e a simplicidade do campo, distante da movimentada Roma. [NdA]. Cf. também DURANT, Will. *História da Civilização*, 3ª parte, tomo 1º, Cia Editora Nacional, SP, 1946. Notícia Will Durant que Tibério manteve residência na ilha de Capri, Domiciano em Alba Longa, Adriano construía em Tibur, e Plínio o moço — amigo de Trajano — fez, em carta, descrição de sua *villa* em *Laurentum*, à beira-mar, na costa do Lacio.
- <sup>25</sup> Seria interessante acrescentar que o vocábulo latino *otium* ou *otius*, significando cessação do trabalho, repouso ou quietação está ligado a palavra grega *skholé*, designando esta tempo livre, lazer, descanso, mas também estudo, lugar de estudo, escola, ocupação voluntária de um homem com ócio, livre do trabalho servil. *Skholé* está na origem do latim *schola* que, além de significar divertimento, recreio, colégio, aula, é o vocábulo que gerou, em língua portuguesa, a palavra escola. [NdA]. Cf. também HOUAISS, A. Op. cit.
- <sup>26</sup> Cf. CORBAIN, Alain. *O Território do Vazio*, p. 267. Corbain não chama a atenção, mas por ação devemos entender sobretudo ação política; no mundo antigo a atividade política ocupava enormemente o tempo do cidadão. Interessante também é esta citação de Hannah Arendt: "A palavra grega *skolé*, como a latina *otium*, significa basicamente *isenção de atividade política* (grifo de J.A.) e não simplesmente lazer, embora ambas sejam também usadas para indicar isenção de labor e das necessidades da vida. De qualquer modo, indicam sempre uma condição de isenção de preocupações e cuidados." ARENDT, H. *Condição Humana*, Forense-Universitária, 2ª ed., RJ, 1983, p. 23.
- <sup>27</sup> Cf. KNAFOU, Remy. "Turismo e Território, por uma abordagem científica do turismo". In: RODRIGUES, Adyr A.B. (org.). *Turismo e Geografia, reflexões teóricas e enfoques*





*regionais*, Hucitec, 3ª ed., SP, 2001. pp. 71-73. Knafo sugere três tipos de relações: (a) "territórios sem turismo; (b) turismo sem território; (c) territórios turísticos." A primeira relação parece também estar próxima da vilegiatura, pois Knafo aceitando a existência de "territórios sem turismo" até o século XVIII, sem escrever, incluiria as antigas *villas* de ócio como exemplos desta primeira relação turismo—território. [NdA].

<sup>28</sup> KNAFOU. Id. Ibid. P.73. A frase completa é: "Se nos lembrarmos que não há turismo sem turistas: se recusarmos as idéias prontas; se recusarmos o domínio exclusivo do mercado sobre esta atividade humana que é importante meio de desabrochamento do indivíduo e se tentarmos colocar um pouco de ordem num fenômeno multiforme, teremos então feito um pouco de progresso".

<sup>29</sup> Talvez não pudesse ser de outra forma, uma vez que a sociedade moderna é de trabalhadores, "...uma sociedade que já não conhece aquelas outras atividades superiores e mais importantes em benefício das quais valeria a pena conquistar a liberdade". Conquistar a liberdade, esclareça-se, das prisões do trabalho. A citação é de ARENDT, Hannah. *A Condição Humana*, Forense-Universitária, 2ª ed., RJ, 1983, p. 12.

<sup>30</sup> NICOLAS, Daniel Hiernaux. "Elementos para un Analisis Sociogeografico del Turismo". In: RODRIQUES, Adyr A. B. (org.). Op. Cit. p. 41.

<sup>31</sup> Vide nota 29.

<sup>32</sup> NICOLAS, Daniel Hiernaux, op. cit. p. 41.

<sup>33</sup> Cf. HESSE, Reinhard. Op. Cit.

<sup>34</sup> Cf. CARLOS, A.F.A. "O Turismo e a Produção do Não-Lugar" In: CRUZ, Rita de Cassia Ariza da (org.). *Turismo: Espaço, Paisagem e Cultura*, Hucitec, SP, 1996, pp.25-37.

<sup>35</sup> Refiro-me a cidades como Óbidos, em Portugal, e Tiradentes, nas Minas Gerais.[NdA].

<sup>36</sup> Sobre o subúrbio ver a importante dissertação: *O Rupto Ideológico da Categoria Subúrbio*. FERNANDES, Nelson Nóbrega., Rio de Janeiro, 1858-1945, dissertação de mestrado, PPGG, IGEO, UFRJ, 1996.

<sup>37</sup> MUMFORD, Lewis. *A cidade na História, suas origens transformações e perspectivas*, Martins Fontes, 3ª ed., SP, 1991, p. 522.

<sup>38</sup> Id. ibid. p.522.

<sup>39</sup> Cf. MUMFORD, Lewis. "O Subúrbio — E depois", in *A Cidade na História...*, op. cit., pp. 521-566.

<sup>40</sup> Op. cit., p.419.

<sup>41</sup> Embora nascida em meados do século XIX, engenhada pelo Império de D. Pedro II, Petrópolis seria também herdeira dessas ressonâncias aristocráticas. [NdA].

<sup>42</sup> Cf. SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço, técnica e tempo, razão e emoção*, Hucitec, SP, 1996.

<sup>43</sup> Cf. PIRES, Mário Jorge. *Raízes do Turismo no Brasil*, ed. Manole, Barueri, 2001. pp.1-25.

<sup>44</sup> Cf. ARENDT, Hannah, *Entre o Passado e o Futuro*, Perspectiva, 2ª ed., SP, 1972.

<sup>45</sup> Cidade de Tiradentes, Região das Vertentes, MG.

<sup>46</sup> Cf. HORKHEIMER, M. *Eclipse da Razão*, Op. cit. p.112.

<sup>47</sup> Cf. ARENDT, H. Op. Cit. , p.12. Refiro-me a citação já reproduzida na nota de número 29.

## Bibliografia

ARGAN, Giulio Carlo. *História da Arte como História da Cidade*, Martins Fontes, SP, 1998.

AUGÉ, Marc. *Não-Lugares*, Papirus, SP, 1994.

ARENDT, Hannah. *Entre o Passado e o Futuro*, Perspectiva, 2ª ed., SP, 1972.

\_\_\_\_\_. *A Condição Humana*, Forense-Universitária, 2ª edição, RJ, 1983.

BORNHEIM, Gerd. *O Sentido e a Máscara*, Perspectiva, SP, 1975.

BRUHNS, Heloisa Turini. (org.) *Lazer e Ciências sociais, Diálogos pertinentes*, Chronos, SP, 2002.

CAMINHA, João Carlos. *História Marítima*, Biblioteca do Exército, RJ, 1980.







CARVAJAL, Frei Gaspar de. Relatório do novo descobrimento do famoso rio grande descoberto pelo Capitão Francisco de Orellana, Escritta editorial/ Embajada de España, bilíngüe, SP, 1992.

CLAUSEWITZ, Carl Von. A Campanha de 1812, Martins Fontes, RJ, 1994.

CORBAIN, Alain. O Território do Vazio, Cia das Letras, SP, 1989.

CRUZ, Rita de Cássia Ariza da.; CARLOS, A. F. A.; YÁSIGI, E. (orgs.). Turismo: Espaço, Paisagem e Cultura, Hucitec, SP, 1996.

DURANT, Will. História da Civilização, Cia Editora Nacional, SP, 1946.

FERNANDES, Nelson Nobrega. O Rapto ideológico da Categoria Subúrbio, Rio de Janeiro, 1858-1945, dissertação Mestrado, PPGG, IGEO, UFRJ, 1996.

GOETHE, J.W. Viagem à Itália, 1786-1788, Cia das Letras, SP, 1999.

HESSE, Reinhard. Viajar como Fuga para a Afirmação: Aspectos do turismo em Massa nas Sociedades Altamente industrializadas, mimeo, s/d.

HOUAISS, Antônio. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, ed. Objetiva, RJ, 2001.

HORKHEIMER, Max. Eclipse da Razão, editorial Labor, RJ, 1976.

LEFEBVRE, H. "O Espaço e o Estado", in A Respeito do Estado, tomo V, Labur-USP, mimeo, s/d.

MICHAEL HALL, C. "Política e planejamento Turístico: o imperativo sustentável", in Planejamento Turístico, políticas, processos e planejamentos, Contexto, SP.

MUMFORD, Lewis. A Cidade na história, suas origens, transformações e perspectivas, Martins Fontes, 3º ed., SP, 1991.

PIRES, Mário Jorge. Raízes do turismo no Brasil, ed. Manole, Barueri, 2001. PORRO, Antônio. As Crônicas do rio Amazonas, notas etno-históricas sobre as antigas populações indígenas da Amazonia, Vozes, Petrópolis, 1993.

RODRIGUES (org.), Adyr A.B. Turismo e Geografia, reflexões teóricas e enfoques regionais, Hucitec, 3º ed., SP, 2001.

SANCHEZ, Joan Eugeni. "La Dinamica Territorializadora de una Actividad Productiva" in Espacio, Economia y Sociedad, Siglo Vientiuno, Madrid, 1991.

SANTOS, Milton. A natureza do Espaço, técnica e tempo, razão e emoção, Hucitec, SP, 1996.

SEABRA, Odette Carvalho de Lima.; DAMIANI, A. L.; CARLOS, A. F. A.; (orgs.). O Espaço no Fim de Século, a nova raridade, Contexto, SP, 2001.

TOLSTOI, Leão. Guerra e Paz, vol. I, ed. Nova Aguilar, RJ, 1993.

Trabalho enviado em março de 2005

Trabalho aceito em setembro de 2005



